

## **CIDADE SEM NOME**

revista eletrônica

artigo publicado em fevereiro/2006

# **FUI**

**Antonio Bivar**

13.XII. 2005

Este trabalho foi apresentado no ciclo de palestras “ ... Homem - Coletivo - Homem – Coletivo – Homem – Coletivo ... “, organizado pela Coordenação de Artes Visuais da FUNARTE/SP, 2005, no Teatro Arena Eugenio Kusnet

Quando Roberto Bicelli me convidou a participar desta série de eventos a qual deu o título de Homem-Coletivo-Homem... (litosilício), ele sugeriu que meu tema fosse “Fui”. E explicou: eu me mudara de São Paulo: Fui.

Mas na verdade eu não me mudara, mas na cabeça dele sim. Isso porque não fazia muito tempo a gente se cruzou no horário de almoço em um restaurante perto da Funarte, dele e da minha residência, e eu – e fazia tempo que a gente não se via – entusiasmado com uma viagem recente que fizera a Águas da Prata, devo ter colocado muita ênfase no meu entusiasmo e disse que estava largando São Paulo e me mudando para Águas da Prata.

Então, quando me convidou para participar aqui, hoje, pensando que eu já estivesse morando lá, me deu o “Fui” como tema e como gancho para o eterno tema de pessoas que não agüentam mais São Paulo e vão... para o interior, para Jundiaí, para Florianópolis, para Guararema – é verdade! tenho um amigo, editor de uma destas revistas chiquérrimas, tipo Daslu, que estava se mudando para Guararema! Diz que lá tem umas casas grandes, antigas, por 60 mil, com a vantagem de ficar perto de São Paulo, porque, afinal, o ganha pão dele está aqui.

Eu também. Eu nasci aqui – outro dia um primo até me levou ao lugar onde nasci, ali para os lados do Tucuruvi, Santana. Quem conhece São Paulo sabe o que é hoje Santana, Tucuruvi, aquele trânsito, aquela densidade demográfica, aqueles arranha-céus, aquele ar embaçado...como de resto, toda São Paulo. Mas o lugar onde nasci, por incrível que pareça, ainda está lá, uma ruína, um matagal viçoso cercado de espigões por todos os lados.

Eu sempre gostei de lugar de pouca gente e muito espaço, paisagem linda, riozinho de água cristalina, a natureza como diversão, e como divertimento tecnológico, um cinema uma vez por semana. Festa, poucas vezes por ano, uma coisa aparentemente utópica, meio Walt Disney – sábado passado até fui ver, no shopping perto de casa. “O leão, a bruxa e o guarda-roupa”.

Acredito nesse lugar feliz, nesse paraíso aqui na terra, porque minha infância, depois que me levaram daqui, aos dois anos, para o interior distante, minha infância foi no paraíso. Até aqui, na chácara onde nasci, na Avenida Água Fria, e depois para onde mudou a família.

Então, apesar de paulistano da gema, gosto muito pouco da São Paulo de hoje e vivo sonhando com aquela que não existe mais. Não se trata de saudosismo, que detesto

saudosismo, trata-se de sonhar com uma vida de qualidade mais saudável, onde eu possa viver o resto da vida na maior felicidade naturista. Porque de coração eu sou um naturista. Adoro nudismo. Na Ilha de Wright, 1970, com a Gal, o Caetano, o Rogério Sgaurerla, a Helena Ignez... os Hell's Angels, os hippies, naquele festival. Quando voltei ao Brasil, em 71, em Ipanema – não cheguei a ir a Arembépe – entre as ruas Teixeira de Melo e Farne de Amoedo tinha um ponto chamado as Dunas de Gal, onde se praticava meio nudismo, as mulheres de topless, os homens sungas de crochê e anos depois o Gabeira com a parte de baixo do biquíni que a prima dele emprestou, a \_\_\_\_\_.

Tenho tanta coisa para contar que já não sei por onde começar nem onde terminar. Mas eu falava de nudismo. Que eu me lembre, pratiquei muito nudismo com meus amiguinhos na infância, nadando pelado com eles no Rio Grande, que separa São Paulo de Minas, ali entre Igarapava e Uberaba. Mas mesmo antes, minha mãe contava, eu não tinha nem um ano de idade, aqui na chácara em Água Fria, eu sumia. Iam me procurar e eu estava debaixo de um chuveiro estragado que tinha perto da horta. O chuveiro pingava e fosse frio ou calor, era possível me encontrar debaixo dele recebendo os pingos d'água na cabeça.

Então, nasci naturista.

Mas voltando à prática de nudismo, a terceira vez, relevante, que me lembro, foi na Ilha de Formentera, vizinha de Ibiza, nas Ilhas Baleares, lá no Mediterrâneo. Foi em 1972, ainda durante os anos FUI- FOMOS, os anos de exílio. A maioria dos exilados, tanto os exilados voluntários, a maioria apela para a auto-piedade, como se o exílio tivesse sido ruim. Não foi. Foi uma delícia. Aliás, para quem como nós, da Contracultura, que havia experimentado a maconha, o LSD, a huasca, o peiote, a mescalina, e outros baratos expansores da mente, o planeta com ditadura, guerra, revoluções, reivindicações, era um só, o planeta Terra, e não tinha essa de fronteira, barreira, apesar das perseguições e dos passaportes falsificados.

Então, para terminar este capítulo sobre nudismo. A gente – eu, Gilda Grillo, Zé Vicente e Isabel Câmara – acompanhávamos Norma Bengell que atuava em um filme de produção franco-dinamarquesa, filme que tinha o filho de Bruñuel como ator, o Juan Buñuel, e a Norma, entre outros. Como eu disse, era uma co-produção. Num dia de folga das filmagens, a gente saiu com a Norma explorando a Ilha. Norma estava com vontade de viajar de ácido, mas de nós 5, só eu topei viajar com ela. E fomos todos numa praia de nudistas, ali na Ilha. Tinha umas duas famílias classe média alemã peladas, inclusive crianças, e nós cinco. Ácido tem essa coisa de deformar, aumentar o que já é grande, diminuir o que é menor, empinar ao zênite o que já é empinado, arreganhar a exibida e travar a tímida, e deixar cair o que é pêndulo. Vocês podem imaginar o que é uma praia de nudistas, quando se viaja de LSD. Porque LSD embora seja expansor mental, é também expansor visual.

Mas, mudando de assunto – pois não quero insistir nesse – e voltando a falar de exílio, de Fui e tudo. Feito a espada de Damócles sobre cabeças pôrra-loucas, exatamente em 1968, quando este teatro ainda era o Teatro de Arena do Boal, do Guarnieri, do Juca de Oliveira, do Chico de Assis, da Dina Sfat, da Isabel Ribeiro, da Joana Fomm, já não era bem deles, mas ainda. O Boal ainda presidia a casa. E aqui, trazida do Rio, estreou minha peça “Cordelia Brasil”, com Norma Bengell e Emilio di Biasi.

Agora uma pausa para falar bem de São Paulo. Em 1968, apesar do AI-5, o centro ainda tinha a Galeria Metrópole, os bares da São Luis, os melhores cinemas, o trottoir na Av. São João, restaurantes, vida boêmia menos “temática” que hoje, era mais BONITA. Os artistas de teatro, da música, de cinema, moravam todos no centro. Até o Di morava meio que por aqui.

O Copam era novo. A Marília Pera morava no Copan. Caetano, Gal, Gil, moravam na São Luis. Rogério e Helena na Boca do Luxo. O Bandido da Luz Vermelha – Paulo Villaça...

Em 68, então, viemos do Rio para cá, para o Teatro de Arena, com “Cordelia Brasil”. Acho que o Arena nunca recebeu em uma temporada só, tantas celebridades que vinham ver a Norma Bengell arrebatadora, maior que esta areninha. Cacilda Becker, Maysa, Vanderléia, todos vinham ver Norma Bengell aqui. O teatro lotado, era inverno. Chegando de fora a primeira coisa a ver na cidade, no teatro, era Norma Bengell, aqui, fazendo a “Cordelia Brasil”. Tinha que acabar acontecendo o que aconteceu e o que acontecia em outros teatros - os do Zé Celso, por exemplo, a “Roda Viva” do Chico -, com o AI-5 acabou-se tudo e muitos tiveram que ir sem dizer “FUI”. O Exílio.

Mas como Norma era uma estrela e como era moda na época, uma estrela da esquerda, sempre que podia denunciava na imprensa os atos da ditadura militar. O teatro, este teatro aqui, que por si já era uma central de oposição ao regime, o Grupo Arena, Boal, etc., com Norma vedete revolucionária, começaram as bombas, os incêndios do lado de fora, me lembro de carros incendiados e virados de ponta cabeça.

A gente se hospedava aqui perto, no Hotel Amália. As companhias de teatro, músicos, todos (...) o que hoje se chama Hotel 3 estrelas. Mas praticamente todas as estrelas da hora, em temporada na cidade, se hospedavam lá. A companhia de Paulo Autran, Gilberto Gil, L. Dale, Maria Lucia Dahl.

E como era perto, vinha-se caminhando do hotel até este teatro. Uma noite, por conta de suas declarações políticas nos jornais, Norma Bengell saía do hotel para vir para cá quando foi seqüestrada por um carro convencional, mas que era do Exército disfarçado, e levada para o Rio de Janeiro. Foi um Deus-nos-acuda. A temporada da peça, lógico, sem Norma, foi suspensa enquanto ela permanecia desaparecida, mas presente todos os dias em primeira página inteira nos principais jornais. No Jornal da Tarde, que na época era o favorito e tinha uma diagramação primorosa, Norma saía em verdadeiros pôsteres que eram as primeiras páginas. E as manchetes: “NORMA seqüestrada”, “Norma continua desaparecida”. Até que no terceiro dia foi trazida de volta, o EXÉRCITO afirmando que fora um “EQUÍVOCO” seqüestrá-la. Para a entrevista coletiva no Hotel Amália, Norma teve ao lado Cacilda, Walmor, eu e Gilda dando apoio, ela aos prantos ensaiada por Fauzi Arap, etc.. Mais primeiras páginas nos jornais. Mas aí o público já estava com medo de comparecer ao teatro e acabou a temporada.

Por “Cordelia” e outra peça “Abre a Janela”, com Maria Della Costa no teatro dela recebia todos os prêmios de melhor autor de 1968 – olha que ano! – aqui em São Paulo.

Nessa época embora literalmente no centro da arena teatral eu, para ser sincero e honestíssimo, não tinha a menor idéia do que fosse o AI-5, “viajando” que estava, vivendo, por assim dizer, no mundo da lua. Aliás, no ano seguinte, 1969, o homem pisou na lua pela primeira vez. Era a prova cabal no sentido alegórico, simbólico da mensagem em si, que mais cedo ou mais tarde, iríamos todos para o espaço.

E fomos. Fui.

Mas aqui estava bom. Não queríamos ir. São Paulo era uma das meças do novo slogan: sexo, drogas e rock’n roll. Não era à toa que era 69. Mas os artistas provocadores foram mandados, senão ainda para o espaço, para o exílio. Como eu disse, forçados uns, fugidos outros, voluntários uns tantos que, ficando aqui não teria chance, com a censura que havia tomado conta do mercado.

Bem, acho que chega.

Mas antes devo dizer que desde então nunca parei de viajar, de ir e voltar, de continuar procurando o lugar ideal onde pendurar a sandália, porque apesar de amar São Paulo, continuo querendo ir embora daqui. Mas poder sempre voltar, para ver exposições imperdíveis, bienais, festivais, esse alimento sem o qual o picado pelo cupim da coisa não vive.

Se houver tempo, quem quiser perguntar, que pergunte.

### **Nota dos Editores**

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.